

**18**

NÚMERO 1



REVISTA  
**DIALOGO E  
INTERAÇÃO**

ISSN 1275-3687



**FACCREI**

## TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM DESAFIO PARA O ENFERMEIRO QUE ATUA NA REDE BÁSICA DE SAÚDE

### AUTISTIC SPECTRUM DISORDER: A CHALLENGE FOR NURSES WHO WORK IN THE PRIMARY HEALTH NETWORK

Claudiane de Andrade\*

Elisângela dos Santos\*\*

Fernanda Peres Ramos\*\*\*

**RESUMO:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio neurodesenvolvimental que afeta a comunicação, a interação social e causa comportamentos repetitivos. A prevalência de autismo tem aumentado, com estimativas de 1 em 44 crianças diagnosticadas em 2021. No Brasil, é difícil obter dados precisos devido à falta de estudos abrangentes. A atenção básica à saúde deve fornecer suporte integral aos pacientes com TEA, mas os profissionais de enfermagem frequentemente se sentem despreparados para identificar e manejar o autismo. Estudos indicam a necessidade de capacitação específica para que enfermeiros possam diagnosticar precocemente e prestar cuidados adequados, utilizando ferramentas como o M-CHAT para triagem. Os enfermeiros desempenham um papel crucial na detecção precoce e na assistência contínua aos pacientes com TEA e suas famílias. A formação contínua e políticas públicas adequadas são essenciais para melhorar a qualidade do atendimento. A revisão literária aponta a importância de estratégias de assistência diferenciadas e a criação de ambientes adaptados para um atendimento mais eficaz aos autistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo, Enfermeiro, Rede Básica de Saúde

**ABSTRACT:** Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder that affects communication, social interaction and causes repetitive behaviors. The prevalence of autism has been increasing, with estimates of 1 in 44 children diagnosed in 2021. In Brazil, it is difficult to obtain accurate data due to the lack of comprehensive studies. Primary health care should provide comprehensive support to patients with

---

\*Enfermeira especialista em Saúde da Mulher, Educação em Enfermagem e Saúde da Família (UEL/Unifil 2005), Enfermeira de Saúde Pública no município de Cornélio Procópio-PR. Docente no Curso de Enfermagem da Faculdade Cristo Rei – FACCREI. E-mail: claulilas@yahoo.com.br

\*\*Enfermeira Especialista em Saúde Mental (UNICV 2023), Enfermeira no Hospital Santa Alice no município de Santa Mariana – PR. Docente no Curso de Enfermagem da Faculdade Cristo Rei-FACCREI. E-mail: elisangela82santos82@gmail.com

\*\*\*Pós Doutora em Educação para a Ciência e a Matemática (UEM/UEL). Docente no Programa de Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza UTFPR (Campus Campo Mourão). E-mail: fernandaperes29@gmail.com

ASD, but nursing professionals often feel unprepared to identify and manage autism. Studies indicate the need for specific training so that nurses can diagnose early and provide appropriate care, using tools such as M-CHAT for screening. Nurses play a crucial role in early detection and ongoing care for patients with ASD and their families. Continuous training and appropriate public policies are essential to improve the quality of care. The literary review highlights the importance of differentiated assistance strategies and the creation of adapted environments for more effective care for autistic people.

**KEYWORDS:** Autism, Nurse, Basic Health Network.

## 1 Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), apresentam características de alterações no neurodesenvolvimento, podendo ser manifestadas através de déficit na comunicação, desenvolvimento atípico, convívio intra e extrafamiliar deficiente, padrões repetitivos e manifestações comportamentais (BRASIL, 2021).

O Transtorno Espectro Autista (TEA) é uma disfunção apresentada no início da infância, comprometendo a interação social, imaginação e principalmente a comunicação.

Segundo Brito (2017, p.11), o primeiro passo é começar entendendo os transtornos que acometem o autista, como se dá seu comportamento e seus sentimentos sobre o que os rodeiam.

De acordo com Centro de Controle e Prevenção de Doenças – CDC (2020), a prevalência de casos de autismo no ano de 2020 era de 1 para 54 crianças passando em 2021, de 1 para cada 44 crianças na faixa etária de até 8 anos, sendo a maioria do sexo masculino, de acordo com dados coletados em 11 estados dos Estados Unidos da América, no ano de 2016 (PAIVA JR, 2021).

No caso do Brasil, essa estimativa populacional seria de aproximadamente 4,84 milhões de crianças autistas. No entanto, ainda não é possível mensurar de forma precisa, os números de prevalência, devido à deficiência da falta de estudos e investimentos que possam permitir alcançar um percentual fidedigno dos números de casos no nosso território (MAGALHÃES et al., 2022, p. 2).

Sabe-se que, a Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), carrega consigo o reconhecimento do sujeito, inserção social e singularidade, atendendo as demandas da população, sem distinção (MACIEL, 2020, p. 468).

A consulta de enfermagem surge como um serviço de promoção à saúde, inclusive, utiliza componentes científicos para identificação de condições de saúde, prescrição e implementação de cuidados que protejam a saúde assim como a restauração da mesma (CORRÊA et al., 2022, p. 302).

É essencial que o diagnóstico seja realizado por uma equipe interdisciplinar de profissionais da saúde, constituída por, no mínimo, um neuropediatra e um psicólogo especialista em distúrbios do neurodesenvolvimento. De acordo com Ministério da Saúde, o enfermeiro pode usar instrumentos com o propósito de rastrear manifestações clínicas que apontam o TEA, sendo constituídos por um questionário de 28 perguntas objetivas e diretas, direcionadas aos pais (SILVA; SANTOS; NAKA, 2021, p. 63). Com a aplicabilidade desse instrumento o diagnóstico pode ser confirmado entre 2 a 3 anos (BRASIL, 2021).

O enfermeiro, um dos profissionais de saúde responsáveis pela Unidade Básica de Saúde (UBS) e pela implementação da Estratégia Saúde da Família, é indispensável para o diagnóstico do TEA, uma vez que consegue oferecer um cuidado integral ao indivíduo, desempenhando função relevante como um instrumento fundamental no tratamento da criança autista. Observando com um olhar holístico aos sinais apresentados pelas crianças e prestando um atendimento adequado a elas, às suas famílias ou responsáveis (FERREIRA, THEIS, 2021; MAGALHÃES, 2020).

Percebendo o desconhecimento no que se refere à assistência do enfermeiro ao paciente com TEA, bem como a dificuldade que enfrentam com a assistência na Rede Básica de Saúde, é possível elaborar uma revisão bibliográfica que descreva o serviço prestado a esses pacientes e sua família. Esta revisão bibliográfica tem o foco de mostrar a dificuldade enfrentada pelo enfermeiro na assistência ao paciente com TEA, distinguir o papel do enfermeiro na assistência, destacando e sintetizando os dados obtidos.

Com base nessas contextualizações, a pergunta central desta pesquisa é: Como realizar assistência de enfermagem ao paciente autista e seus familiares na rede básica de saúde, tendo em vista o despreparo da Enfermagem?

## 2 TEA e os desafios da Enfermagem

A palavra "autismo" tem origem no grego "autos", que significa "voltar-se para si mesmo", refletindo um dos principais sinais do transtorno, onde o indivíduo demonstra um estágio de perda de interesse pelo mundo externo e tudo o que é inerente a ele. O autismo foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo psiquiatra Leo Kanner, que o nomeou de "Distúrbio Autístico do Contato Afetivo". Kanner estudou 11 crianças que exibiam características distintas em comparação com outras, como dificuldades na formação de relações afetivas, prejuízo no desenvolvimento da fala, ecolalia e aversão a mudanças. Segundo Sanches e Taveira (2020), a definição de autismo foi incluída no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) pela primeira vez em 1952, mas estava inicialmente associada aos sintomas de esquizofrenia. Somente na 5ª edição do DSM, lançada em 2013, o transtorno foi isolado e passou a ser denominado Transtorno do Espectro do Autismo

Conforme a Associação Americana de Pediatria (APA), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio neurológico que compromete áreas específicas do desenvolvimento infantil, incluindo a interação social, comportamento e comunicação. Embora o autismo fosse considerado raro pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2019), houve um aumento significativo na prevalência nas últimas décadas. De acordo com Fontinele et al (2021), anteriormente, a taxa de prevalência era de cerca de quatro em cada 10.000 crianças, mas atualmente, estima-se que uma em cada 68 crianças seja diagnosticada com o transtorno.

Após intensa luta e pressão social promovida por diversas instituições em todo o Brasil, o autismo foi oficialmente reconhecido como uma deficiência pela Lei nº 12.764/2012. Esta lei estabeleceu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA), amplamente conhecida como Lei

Berenice Piana, e assegura direitos fundamentais como a vida, integridade física e moral, segurança, lazer, e proteção contra qualquer forma de abuso e exploração.

Em 2013, pontua Dias (2017), o Ministério da Saúde, em colaboração com o Sistema Único de Saúde (SUS), lançou a cartilha intitulada **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA**. O objetivo dessa publicação é fornecer orientações para as equipes multiprofissionais sobre o cuidado da saúde de pessoas com TEA e suas famílias, nos diversos pontos de atenção da Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência.

Nesse contexto, é essencial o desenvolvimento de estudos mais aprofundados na área da enfermagem sobre o autismo, levando em conta a complexidade do transtorno e o aumento contínuo na taxa de prevalência de casos. O TEA representa um desafio significativo para a prática da enfermagem na rede básica de saúde, exigindo uma compreensão profunda das características e necessidades dos indivíduos afetados. O aumento na prevalência de TEA, com uma estimativa de 1 em 44 crianças diagnosticadas em 2021, sublinha a urgência de estratégias eficazes de identificação e manejo.

Ainda ocorre, no Brasil, escassez de dados precisos e falta de estudos abrangentes complicam a capacidade dos profissionais de saúde em fornecer um suporte integral e adequado. A dificuldade em obter informações precisas e a variabilidade na qualidade dos serviços de saúde são barreiras que impactam negativamente a abordagem dos casos de TEA na atenção básica.

Além dos desafios associados à escassez de dados, os enfermeiros frequentemente se deparam com uma falta de preparação e capacitação específica para lidar com o TEA. Dessa forma, mesmo a equipe de enfermagem sendo uma peça significativa para a detecção de sinais e alterações do desenvolvimento, cabe ressaltar que esses profissionais podem não se sentir seguros e habilitados para caracterizar as manifestações precoces do transtorno.

### 3 Materiais e Métodos

Trata-se de um estudo do tipo revisão de literatura, realizado mediante pesquisa bibliográfica. É relevante salientar que com a revisão de literatura busca-se estimar o que outros autores desenvolveram e evidenciaram com esse tema (DORSA, 2020, p. 681).

Nesta revisão bibliográfica, buscamos uma investigação através de materiais obtidos, sobre a relação do enfermeiro com criança diagnosticada com TEA e sua família, mais especificamente na assistência prestada por esses profissionais na rede básica de saúde, visando compreender o papel que o enfermeiro exerce perante o TEA. Foram realizadas buscas na literatura de produções indexadas nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no site de referência do Ministério da Saúde. As palavras chaves foram: Rede Básica de Saúde; Autismo Infantil; Enfermagem.

O período de coleta foi de março a junho de 2024. Os artigos selecionados e incluídos foram os publicados a partir de 2015 a 2023, completos, em português e de livre acesso. Foram selecionados os mais relevantes ao tema resultando 25 artigos, destes excluímos os mais antigos e os que não atendiam nosso objetivo. Analisamos e elaboramos uma síntese com 06 mais relevantes e as informações elencadas, foram disponibilizadas.

### 4 Resultados

Após leitura minuciosa dos artigos selecionados foi empregado o quadro confeccionado pelas autoras para coleta de dados que atendessem aos objetivos propostos, conforme títulos das obras, autores/ano, bases de dados/biblioteca virtual, metodologia e resultados da síntese dos artigos, que estão exibidos no Quadro 1, logo abaixo:

**Quadro 1** - Distribuição dos artigos científicos quanto a assistência de enfermagem à criança autista na rede básica:

TÍTULO	AUTORES /ANO	BASES DE DADOS	METODOLOGIA	RESULTADOS
Transtorno do espectro autista na Atenção Primária à Saúde: desafios para assistência multidisciplinar	COSTA, B. O. C. et al., 2023.	Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas	Pesquisa descritiva com abordagem qualitativa	Evidenciam que o contato com crianças autistas ocorria apenas em momentos como a vacinação, medicação, consultas e exames de rotina. Desconhecimento e dificuldades foram evidenciados também, apontando falta de estrutura e capacitações adequadas ao atendimento ao autista
Triagem para transtorno do espectro autista pela Enfermeira na atenção primária: revisão Integrativa	CORRÊA, I. S. et al., 2022	Revista Científica de Enfermagem – RECIEN.	Revisão integrativa	Os Enfermeiros não estão seguros e não se sentem preparados para diagnosticar um autista na rede básica de saúde
Contexto dos enfermeiros frente à assistência às crianças diagnosticadas com transtornos do espectro autista	EDUARDO, O. O. R. F. et al, 2021	Brazilian Journal of Development	Estudo descritivo, exploratório.	Os entrevistados mostraram conhecimentos equivocados, medo do desconhecido e a falta de conhecimento sobre TEA, dificuldades para orientar os pais dos autistas. Demonstram necessidade de capacitações sobre o tema

Assistência de enfermagem a paciente com transtorno do Espectro autista	RODRIGUES, M. R. C.; QUEIROZ, R. S. A.; CAMELO, M. S, 2021	Revista Bras. Interdiscip. Saúde – REBIS	Revisão integrativa da literatura	A Enfermagem é uma peça significativa na detecção e assistência ao TEA, seu trabalho é importante, porém os profissionais não estão habilitados ou sentem insegurança ao assistir os pacientes e ter que orientar as suas famílias
Abordagem do autismo na atenção básica: revisão integrativa	MACIEL, N. G. P, 2020	ResearchGate	Revisão integrativa	O acolhimento no âmbito do Sistema Único de Saúde, possuem políticas que resguardam os direitos da pessoa com transtorno (TEA) e a atuação dos profissionais de saúde, salientando a importância de os profissionais serem capacitados para tal abordagem.
Rastreamento precoce dos sinais de autismo infantil: Um estudo na atenção primária à saúde	OLIVEIRA, M. V. M. et al., 2019	Revista Arquivos Científicos (IMMES).	Relato de experiência	A detecção precoce do TEA pode ser realizada pelos profissionais que utilizam um instrumento de fácil aplicabilidade denominado M-CHAT

Fonte: Autoria própria, retirado dos artigos selecionados (2024)

## 5 Discussão

Na assistência à saúde, a enfermagem é responsável por identificar sinais de desenvolvimento inadequado, podendo fazer as primeiras identificações diagnósticas do TEA, mas a maioria desses profissionais não está preparada para reconhecer os sinais que podem indicar autismo (RODRIGUES; QUEIROZ; CAMELO, 2021, p. 78).

Com o aumento dos casos de autismo, os profissionais de enfermagem necessitam de qualificação adequada a fim de, diagnosticar, cuidar e alertar para o reconhecimento dos sinais de risco, pois ainda existe uma debilidade em termos de conhecimento e capacitação profissional em relação às práticas diagnósticas e à efetivação das intervenções (COSTA et al., 2023, p. 5).

A rede básica de saúde é a porta de entrada da assistência à saúde, como responsável pelo atendimento, o enfermeiro deve ser apto para o amparo a esses indivíduos (MACIEL, 2020, p. 476).

Corrêa et al. (2022, p. 295) evidenciou que os sinais de autismo na infância podem ser detectados pela enfermagem e que, esses achados reforçam a necessidade de se usar os instrumentos de triagem dos sinais de TEA precocemente, uma vez que estimula as capacidades deste infante, primordial nos três primeiros anos de vida

Conforme o estudo de Oliveira et al. (2019, p. 52), o instrumento Modified Checklist for Autism in Toddler (M-CHAT) é um excelente instrumento e de fácil aplicabilidade, possibilitando rastrear crianças que possuem risco de terem TEA e de modo a detectar precocemente sinais de autismo infantil, considerando, a acessibilidade, baixo custo, além de poder ser utilizado por outras pesquisas que buscam o mesmo objetivo

Eduardo et al. (2021, p. 97389) diz que os profissionais de saúde devem buscar conhecimentos específicos em capacitações, sobre estratégias nos cuidados com as crianças autistas, observando os sinais e sintomas do autismo, enxergando as características para diferenciá-las, das demais síndromes, demonstrar segurança às crianças e seus familiares, compartilhando as experiências

vivenciadas e proporcionando um vínculo entre o profissional a criança e a família (EDUARDO et al., 2021, p. 973).

É necessário que as políticas públicas hábeis devem ser criadas e implementadas para o apoio voltado para o paciente com TEA e suas famílias na rede básica de saúde, pois o dia a dia do profissional, exige total atenção com pacientes diagnosticados. A enfermagem se faz presente, no processo de cuidar e de uma assistência empática, dispendo-se a melhora exponencial da criança. (RODRIGUES; QUEIROZ; CAMELO, 2021, p. 78).

Os artigos expostos visam contribuir para o entendimento sobre a importância da assistência do enfermeiro perante a criança com TEA na rede da atenção básica, por via de abordagens que possibilitem um atendimento qualificado no processo de acompanhamento, cuidado e aconselhamento, como também na investigação das primeiras manifestações clínicas e as orientações aos familiares.

## 6 Considerações Finais

A rede básica em saúde é geralmente a porta de entrada do usuário e precisa garantir, através de estratégias de assistência, diferenciada no caso do TEA, identificando sinais precocemente e oferecendo um acompanhamento de qualidade para o autista e seus familiares. Como esse trabalho de revisão de literatura demonstrou, existe uma limitação de conhecimentos aos enfermeiros e dificuldades na assistência ao TEA.

A assistência a um TEA, é um desafio enorme para os profissionais de saúde, pois é atribuição do Enfermeiro prestar esclarecimentos a família e criar vínculo com ela afim de garantir maior eficácia no tratamento.

A busca de capacitações e ferramentas já existentes podem proporcionar o conhecimento e habilidades aos profissionais, para assistência e segurança ao passar as orientações aos familiares e assim estabelecer um vínculo maior entre enfermeiro e paciente e enfermeiro e família do autista.

Considerando a assistência ao autista como diferenciada, cada um é único, acreditamos que se faz necessário um curso específico para a enfermagem, onde

evidências e experiências dos comportamentos e sentimentos dos autistas, assim como seu nível e comorbidades associadas, sejam expostos claramente para que ações possam ser implementadas neste tipo de atendimento, envolvendo também a família do mesmo.

Para finalizar podemos entender através deste estudo que precisamos repensar a prática de assistência de enfermagem, principalmente no que tange casos de disfunções específicas, e que capacitações sejam oferecidas (como o perfil do profissional na assistência e procedimentos necessários de acordo com o nível de comprometimento do paciente autista), desde a Graduação de Enfermagem, preparando melhor, o profissional que vai atuar na rede básica de saúde. Uma sugestão, seriam protocolos, com modelos de estruturas diferenciadas na rede básica de saúde (como salas adaptadas para realizar atendimentos, evitando as trocas de ambientes, assim como estruturas que abafem ruídos), para conforto ao paciente autista.

## Referências

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária. **Definição – Transtorno de Espectro Autista (TEA) na criança**. Brasília, DF. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/>. Acesso em: 2 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia Saúde da Família**. Brasília – DF. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/estrategia-saude-da-familia>. Acesso em: 2 mar. 2024.

BRITO, Maria Claudia. **Estratégias práticas de intervenção nos transtornos do espectro do autismo**. E-book: Saber Autismo, 2017.

CORRÊA, I. S. *et al.* Triagem para transtorno do espectro autista pela enfermeira na atenção primária: revisão integrativa. **Rev. Recien**. São Paulo, v.12, n. 37, p. 293-303, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24276/rrecien2022.12.37.293-303>. Acessado em: março. 2024.

COSTA, B. O. C. *et al.* Transtorno do espectro autista na Atenção Primária à Saúde: desafios para assistência multidisciplinar. SMAD. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drog.** [S,l], v. 19, n.1, p. 13-21, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2023.180473>. Acesso em: 3 abr, 2024.

COSTA, C. S.; GUARANY, N. R. O reconhecimento dos sinais de autismo por profissionais atuantes nos serviços de puericultura na atenção básica. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p.31-44, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/33841/pdf>. Acessado em: abril, 2024.

DIAS, C. C. V. **Mães de crianças autistas**: sobrecarga do cuidador e representações sociais sobre o autismo. João Pessoa: UFPB, 2017.

DINIZ, D. Introdução ética na pesquisa em ciências humanas e sociais. **Educ. Soc.** Campinas, v.36, n.133, p.857-63, 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302015000400857&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302015000400857&lng=en&nrm=iso). Acessado em: Mar. 2024.

DORSA, A. C. O papel da revisão da literatura na escrita de artigos científicos. **Interações.** Campo Grande, MS, v.21, n.4, p. 681-683, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/inter.v21i4.3203>. Acessado em: maio. 2024

MARTINS, R., A. *et al.* Assistência do enfermeiro à criança autista na atenção básica. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.3, p. 12193-12206, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-198>. Acesso em: 3 abr. 2024.

EDUARDO, O. R. F. *et al.* Contexto dos enfermeiros frente à assistência às crianças diagnosticadas com transtornos do espectro autista. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.10, p. 97384-97391, 2021. DOI:10.34117/bjdv7n10-177. Acesso em: 3 abr. 2024.

FONTINELE, A. D. S. F. *et al.* Olhar do enfermeiro na assistência de enfermagem do paciente autista e sua família. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. e246101420229–e246101420229, 1 nov. 2021.

LIMA, F. S. R. *et al.* Evidências científicas sobre a identificação precoce do Transtorno do Espectro (TEA) em crianças na Atenção Primária à Saúde: protocolo de revisão de escopo. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, e550111133980, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/33980/28703/380578>. Acesso em: 3 abr. 2024.

MACIEL, N. G. P. Abordagem do autismo infantil na atenção básica: revisão integrativa. **Revisão Interdisciplinar em DE**. Cajazeiras, 7 (único), p. 466-481, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/340571982>. Acesso em: 3 abr. 2024.

MAGALHÃES, J. M. et al. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enferm. Glob. Murcia**, v. 19, n. 2, p. 541-550, 2020. Disponível em: [https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v19n58/pt\\_1695-6141-eg-19-58-531.pdf](https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v19n58/pt_1695-6141-eg-19-58-531.pdf). Acesso em: 3 abr. 2024.

OLIVEIRA, M. V. M. et al. Rastreamento precoce dos sinais de autismo infantil: Um estudo na atenção primária à saúde. **Rev. Arquivos Científicos (IMMES)**. Macapá, v. 2, n. 2, p. 48-53, 2019. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.5935/2595-4407/rac.immes.v2n2p48-53>. Acesso em: 3 abr. 2024.

PAIVA JR, F. EUA publica **Nova prevalência de autismo: 1 a cada 44 crianças, com dados do CDC**. Canal autismo, 2021. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/noticia/eua-publica-nova-prevalencia-de-autismo-1-a-cada-44-criancas-segundo-cdc/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

POLIDORO, T. C. et al. A importância da puericultura na atenção básica de saúde, e sua correlação com o transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, e598111234857, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i12.34857>. Acesso em: 3 abr. 2024.

RODRIGUES, M. R. C.; QUEIROZ, R. S. A.; CAMELO, M. S. Assistência de enfermagem a paciente com transtorno do espectro autista. **Rev. Bras. Interdisciplinar Saúde – ReBIS**, v. 3, n. 4, p. 75-79, 2021. Disponível em: <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/312>. Acesso em: 3 abr. 2024.

SANCHES, T. T. B.; TAVEIRA, L. DA S. **Autismo**: uma revisão bibliográfica. Caderno Intersaberes, v. 9, n. 18, 9 jul. 2020.

Recebido em: 10/07/2024.

Aprovado em: 1º/08/2024.